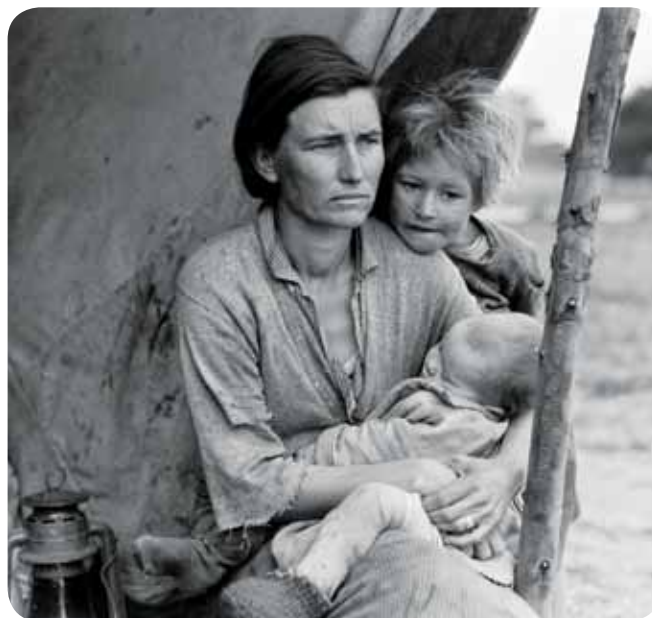


Maurício Tuffani ●

# Lições de uma catástrofe



Dorothea Lange

**D**esolação, falta de esperança. Essa imagem, “Mãe migrante”, assim como outras eternizadas pela fotógrafa Dorothea Lange, transmite o sentimento de boa parte da população dos Estados Unidos durante a chamada Grande Depressão, na década de 1930. Muitas outras fotos artísticas dessa página triste da história norte-americana foram feitas por renomados fotoperiodistas da época, entre eles Arthur Rothstein, Walker Evans, John Vachon e Russell Lee, que haviam sido contratados pelo governo.

O objetivo era sensibilizar a sociedade para a necessidade de grandes investimentos públicos para reverter a situação. O setor responsável pela estratégia não foi o Departamento do Tesouro, nem o do Trabalho, nem o do Interior. Foi o da Agricultura, pois o problema a ser resolvido era ambiental, e havia sido provocado pela própria agricultura.

Entre as manifestações da natureza que assolaram as grandes planícies nessa época, as mais devastadoras foram as tempestades de poeira formadas pela conjunção de fortes ventos com enormes extensões de solo despojadas de cobertura vegetal. Pressionados pela queda dos preços dos grãos após a crise de 1929, os agricultores aproveitaram ao máximo toda a terra disponível, fazendo uma supressão de gramíneas sem precedentes. Além de aumentar a exposição dos solos à ação dos ventos, essa remoção desmedida do verde redu-

ziu a capacidade de retenção regional da umidade, diminuindo as chuvas.

As grandes tempestades de pó e areia resultantes dessa imprevidência ocorreram de 1932 até 1936. A mais devastadora, a Domingo Negro, de 14 de abril de 1935, inspirou a chamar esse tipo de catástrofe climática de Dust Bowl, ou bola de poeira (esmagadora como a de boliche).

No Brasil, no mês passado, o History Channel fez cinco apresentações de seu documentário *Black Blizzard* (Tempestade Negra). O filme exibiu não só simulações desse fenômeno – mostrando a penetração do pó em ambientes fechados, os danos causados à saúde das pessoas e de animais,

---

**Temos muito a aprender com a Dust Bowl, um dos principais fatores da Grande Depressão nos Estados Unidos**

---

os prejuízos à economia e o desemprego – e depoimentos de sobreviventes, mas também explicações de meteorologistas, agrônomos e especialistas de áreas relacionadas ao tema. (O vídeo pode ser assistido no site do canal e no YouTube.)

Muitas das explicações desses especialistas sobre a Dust Bowl foram feitas com base no atual estado da arte das ciências.

No entanto, essas entrevistas deixam claro que rudimentos do conhecimento científico daquela época eram mais que suficientes para a compreensão de que um grande problema climático estava sendo provocado pela ação do homem. A FSA (Agência de Serviços Agrícolas), do Departamento de Agricultura, que correu atrás do prejuízo ao recorrer à comunicação em sua estratégia para reverter a crise, não poderia ter agido preventivamente?

Os depoimentos dos pesquisadores em *Black Blizzard* mostram que, no Brasil, em relação ao Código Florestal, muitos pesquisadores de áreas ligadas ao tema (e não estou dizendo que foram todos) deixaram passar muito tempo não só para avaliar os impactos ambientais e sociais das pretendidas mudanças dessa lei, como para sugerir alterações que possam aperfeiçoá-la. E muitos jornalistas (também não estou dizendo que foram todos) deixaram para muito tarde as perguntas sobre esses estudos, contentando-se muitas vezes com opiniões, em vez de pesquisas devidamente referenciadas e publicadas.

## Objeção e resposta

Na edição anterior, minha réplica à carta do professor Jairo José da Silva, do câmpus de Rio Claro, rendeu não só uma tréplica dele, mas também um interessante debate sobre a concepção de verdade, que está no blog de **Unesp Ciência** (<http://www2.unesp.br/revista/?p=1691>).